



MINHAS AULAS DE DIDÁTICA NO CURSO DE PEDAGOGIA: UM RELATO DE CASO NUMA VISÃO PROGRESSISTA DE EDUCAÇÃO

MY LESSONS OF DIDACTICS IN THE PEDAGOGY COURSE: A CASE REPORT IN A PROGRESSIVE VISION OF EDUCATION

MIS CLASES DE DIDÁTICA EN EL CURSO DE PEDAGOGÍA: UN RELATO DE CASO EN UNA VISIÓN PROGRESISTA DE EDUCACIÓN

20

Leila Fernandes Arruda ¹

Resumo: Este artigo narra de forma reflexiva, a experiência metodológica vivida no ensino de Didática em curso noturno de Pedagogia de duas faculdades particulares da região de Bauru. Em particular, essas experiências colocaram em prática as Pedagogias de Freinet e Paulo Freire em muitos de seus aspectos e ideias da Pedagogia Histórico-crítica. Relatou-se ainda elementos da vida profissional da autora e a forma como esses autores foram constituindo sua prática. A autora desafia com seus textos os leitores a se apropriarem das ideias dos autores em busca de uma prática cada vez mais politizada.

Palavras-chave: Pedagogia Freinet. Paulo Freire. Pedagogia Histórico-crítica.

Abstract: This article narrates in a reflective way the methodological experience lived in the teaching of didactics during the night course of Pedagogy of two private colleges in the Bauru region. In particular, these experiences put the Freinet and Paulo Freire Pedagogies into practice in many of their aspects and ideas of Historical-Critical Pedagogy. She also reported elements of the author's professional life and the way in which these authors were constituting their practice. The author challenges her readers to appropriate the authors' ideas for an increasingly politicized practice.

Keywords: Freinet Pedagogy. Paulo Freire. Historical-critical pedagogy.

Resumen: Este artículo narra de forma reflexiva, la experiencia metodológica vivida en la enseñanza de Didáctica en curso nocturno de Pedagogía de dos facultades particulares de la región de Bauru. En particular, esas experiencias pusieron en práctica las Pedagogías de Freinet y Paulo Freire en muchos de sus aspectos e ideas de la Pedagogía Histórico-crítica. Se relató también elementos de la vida profesional de la autora y la forma en que esos autores fueron constituyendo su práctica. La autora desafia con sus textos a los lectores a apropiarse de las ideas de los autores en busca de una práctica cada vez más politizada.

Palabras clave: Pedagogía Freinet. Paulo Freire. Pedagogía Histórico-crítica.

Envio 14/05/2019

Revisão 14/05/2019

Aceite 25/08/2019

¹Pedagoga e Mestre em Assentamentos Humanos (UNESP-Bauru). E-mail: leila.arruda@yahoo.com.br



INTRODUÇÃO

Este artigo trata de uma narrativa das experiências vividas no ensino da Didática, em cursos de Pedagogia noturno em duas instituições particulares de ensino da região de Bauru. Em particular, essa experiência traz a vivência das técnicas Freinet no Ensino Superior.

Para maior contextualização, além da experiência anteriormente citada, apresentarei um pouco de minha trajetória profissional que acabou - certamente - me constituindo e oportunizando a visão que culminou na experiência da qual esse relato é objeto.

Antes de tudo, peço licença ao leitor para citar o pensamento dos autores de forma genérica, sem citar obra a obra, citação a citação, pois esse artigo traz como essência o que esses autores geraram em minha prática pedagógica, em minha visão, em minhas escolhas, então permito-me essa licença poético-acadêmica.

Durante 25 anos atuei como educadora na rede Municipal de Ensino de Bauru, inicialmente como professora de Educação Infantil e posteriormente como diretora de escolas, em especial de uma escola experimental de Educação Infantil e Ensino Fundamental. O caráter experimental dessa experiência era justamente a constituição de uma escola baseada nos princípios da Pedagogia Freinet. A implantação dessa escola experimental deu-se nos anos de 1980 e tive o privilégio de participar desse projeto como uma das idealizadoras e à frente de sua gestão por 10 anos, valendo-me da análise dessa experiência como objeto de estudo no mestrado que realizei na UNESP de Bauru.

Após concluir o mestrado e deixar a gestão da referida escola, participei da implantação do Curso de Formação de Educadores do Espaço Pedagógico na cidade de Bauru, nos anos noventa e tive a oportunidade de atuar ali como aluna, educadora e gestora por sete anos. Toda essa vivência influenciou minha metodologia e didática, conforme se verá a seguir.

A partir dessas duas experiências marcantes – com a Pedagogia Freinet e com as concepções de Madalena Freire e sua equipe do Espaço Pedagógico de Bauru - passei a buscar articulações teórico-práticas entre as concepções de Freinet e as de Paulo Freire, em busca de caminhos mais consistentes para os dias de hoje na formação de professores. Ao estudar as possíveis articulações entre as ideias de Paulo Freire e Célestin Freinet, caminhei para a teorização de uma pedagogia contemporânea que julguei mais consistente, digna, democrática.



Nesta caminhada encontrei ainda outros autores que trouxeram variados olhares ampliando minhas práticas de ensino e didática, como Dermeval Saviani. Finalizo essa introdução então, partindo para as contribuições dadas por Célestin Freinet e Paulo Freire ao meu ensinar, para depois complementar este artigo com o que aprendi com Dermeval Saviani; todas essas análises dar-se-ão em questões não apenas filosóficas, mas essencialmente práticas.

AS CONTRIBUIÇÕES DE PAULO FREIRE E CÉLESTIN FREINET EM MINHA FORMAÇÃO COMO PROFESSORA DE DIDÁTICA

O que aprendi e ainda aprendo com Paulo Freire e Freinet que pode ajudar os professores de hoje a encontrar um caminho para a educação neste momento atual? Essa é a grande questão que esse texto buscará responder. Acredito que a escola hoje, mais do que sempre, precisa buscar alternativas de ensino que deem conta da realidade na qual estão inseridos seus alunos, centrada numa educação voltada para a prática da liberdade e da cidadania.

22

Este discurso é antigo, mas em Paulo Freire e Célestin Freinet ele ganha autenticidade, torna-se real. Com eles verifico que problemas considerados insuperáveis pelos professores como violência, indisciplina, falta de limites, vão sendo solucionados pelos valores introduzidos no grupo. Com eles descubro que através do diálogo e da pesquisa do universo do aluno, consigo vencer a indiferença e o desinteresse, tão comuns hoje e provocadores de violência e mal estar.

Com Freinet aprendo a fazer uma educação de qualidade, aprendo a refletir nos caminhos e a pensar meu aluno. Aprendi e aprendo a olhar meu aluno como sujeito. Aprendo que a cooperação, a afetividade, a comunicação e documentação, eixos centrais de sua pedagogia, são partes essenciais do processo de educar. Muitas vezes, as técnicas Freinet são, meu caminho para uma prática significativa. São estes eixos, sem serem expressos desta forma, que encontro por toda a teoria freireana.

A cooperação é introduzida em todas as técnicas freinetianas², trazendo em seu bojo uma nova organização da sala de aula. Esta mesma cooperação eu encontro em Freire, em seu

² Como principais técnicas Freinet temos: Livro da Vida; o Jornal Mural; a Cooperativa de Classe; a Aula Passeio; o Texto livre; a Correspondência, dentre outras de caráter extremamente cooperativo (FREINET, 1975).



olhar para o grupo. Olhar este que não separa a ética do conteúdo e demonstra a necessidade de cooperação entre os profissionais que se dizem democráticos.

A afetividade, desenvolvida amplamente por Freinet, é sistematizada por Paulo Freire quando ele ensina que a prática pedagógica deve ser alegre e cheia de afetividade, que devemos criar vínculos com o estudante através do conteúdo estudado (FREIRE, 2001).

A comunicação é algo que faz diferença nas duas pedagogias. Freinet lembra que é preciso comunicar tudo a todos, por meio do jornal mural, livro da vida.... Paulo Freire vai mostrando uma pedagogia dialógica, comunicativa. Paulo Freire ao incentivar o diálogo, traz a comunicação e afetividade à prática educativa.

A documentação, outro eixo da pedagogia Freinet, foi por mim aprendida aos poucos, com grande suor e dificuldades, fruto de uma escola que ensinou-nos a copiar e não a criar. Logo no início de minha prática com a Pedagogia Freinet, ao tentar documentá-la, ficava explícita minha dificuldade de escrita, apresentando-se muitas vezes empobrecida, em um movimento inseguro e superficial. E aí vem Paulo Freire nos lembrando que precisamos saber observar e registrar. Com as leituras do autor me veio o aprofundamento em um registro mais denso, pois ele me fez olhar a necessidade da rigorosidade metódica quando afirma: “[...] a prática docente crítica, implicante do pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer” (FREIRE, 2001, p.42,43). Desta forma Freire incentiva o exercício do texto escrito, além do diálogo, incentiva um planejamento vivo e pessoal, assim como uma avaliação própria, contínua, escrita. Com eles, Freinet e Freire, descubro que a documentação e o registro de nossa prática têm que ser vivos e únicos. Aprendo que não há receitas prontas e a fugir da burocracia que muitas vezes aprisiona o professor. Com eles meu planejamento foi ganhando consistência. Com Freinet (1979) aprendo a organizar os Planos individuais e coletivos, enquanto com Freire, passo a valorizar os registros e a aprofundar-me na reflexão (2003).

Freinet trouxe-me um olhar para o interior da escola. Sem limitar-me a ele, ensinou-me a olhar a realidade e a utilizá-la, assim como lutar para sua transformação. Nessa concepção, a sala de aula estende-se para a comunidade. Em Paulo Freire encontrei a mesma preocupação política, em busca da transformação. Ele aprofundou meu olhar político que teve início com a



pedagogia Freinet. Hoje percebo a importância da politicidade da educação, que nas palavras de Freire (2002) jamais é neutra, jamais prescinde da História e do momento político.

Os dois dão-me mostras da valorização do professor como autoridade, como organizador, como autor de sua prática, como educador. Os dois valorizam o professor como educador e pesquisador de sua prática, ao incentivá-lo a buscar profundamente os interesses do aluno e a colocar em prática suas necessidades.

Com os dois aprendo sobre a necessidade de olhar e valorizar o grupo e dentro dele a ver o sujeito único que somos cada um de nós. Célestin Freinet diz que:

[...] será preciso habituar-se à ideia de que tudo o que se refere aos fundamentos da psicologia só pode ser definitivamente elaborado pelo *trabalho coletivo*, porque um sistema individual é sempre apenas uma construção arbitrária, e porque unicamente o trabalho coletivo pode resultar nesse “sistema” a que chamamos de uma ciência (apud É FREINET, 1977, p. 130).

24

Paulo Freire

[...] assinala, desde seus primeiros ensaios que o educando é sujeito, não objeto da educação. Este é um princípio que se explica com duas proposições: o ser em e ser com o mundo. Estes termos levam a afirmar que o mundo físico das coisas, e dos seres viventes inferiores, inclusive os animais que mais acercam o ser humano, vivem no mundo; ao passo que, o ser humano, além de viver no mundo, sua característica principal é que vive com o mundo. Viver no mundo é viver de contatos, estímulos, reflexos e reações; viver com o mundo é viver de relações, desafios, reflexão e respostas (apud GADOTTI, 1996, p.574).

Ambos, Célestin Freinet e Paulo Freire, consideram o homem como inacabado e como alguém histórico. Os dois me levam a não copiá-los, mas a buscar em mim a recriação de suas ideias. Eles se mostram limitados, humildes, mutantes e me ensinam a não parar, a olhar o presente com olhos no futuro, inspirada pelo passado. Vejo que os dois, em seus tempos, em seus locais geográficos e históricos, provocaram uma educação democrática e social viva.



A DIDÁTICA HISTÓRICO-CRÍTICA EM MINHA FORMAÇÃO COMO EDUCADORA DE EDUCADORES

Depois de ter feito a “curvatura da vara” (SAVIANI, 1987) nos anos oitenta, quando deixei a pedagogia tradicional e optei por Freinet em minha prática pedagógica - ainda como professora de Educação Infantil - conheci a pedagogia dialógica de Paulo Freire, embasada nos pensamentos didáticos de Madalena Freire, no curso de formação de educadores, denominado Espaço Pedagógico. Ouvir o grupo é fundamental para estes educadores e seu papel é ouvir e intervir em tempo e nas condições proximais do educador em formação - no início como coordenador de um grupo, tenho uma síntese precária do outro e consigo escutá-lo, para mais tarde, com planejamento adequado, intervir. Esta leitura grupal e de meu papel como coordenador de um grupo vivo e o que fazer, foi aprendido durante os sete anos de formação continuada, ora como parte do grupo em formação, ora como coordenadora de grupo, ora como observadora e ora como participante de grupos de estudo e pesquisa. Criar o *habitus*, tornar algo uma segunda natureza, é algo que necessita de tempo e repetição sistemática. Tornar esse conceito uma prática metodológica foi algo que aprendi no Espaço Pedagógico de Bauru, com Juliana Davini e demais docentes.

25

O processo acima descrito indica que só se aprende, de fato, quando se adquire um *habitus*, isto é, uma disposição permanente, ou, dito de outra forma, quando o objeto de aprendizagem se converte numa espécie de segunda natureza. E isso exige tempo e esforços por vezes ingentes. A expressão segunda natureza parece-me sugestiva justamente porque nós, que sabemos ler e escrever, tendemos a considerar esses atos como naturais (SAVIANI, 2005, p. 20).

Com o Espaço Pedagógico aprendi a pensar a rotina, a aula, as intervenções, encaminhamentos e devoluções, além das concepções de educação que me formaram. Demorei um certo tempo para, juntamente com a avaliação do que os estudantes já sabem sobre o assunto estudado, pedir a eles que demonstrassem o que mais desejavam trabalhar e conhecer sobre o conteúdo estudado.

Há alguns anos, posicionei-me a favor também da didática histórico-crítica, estudando as concepções de Dermeval Saviani, participando de grupos de pesquisa, me inteirando, me



alimentando desta concepção. Ao mesmo tempo, comungo de uma cooperativa de professores Freinet, por acreditar que através de suas técnicas há uma filosofia de trabalho cooperativa e transformadora da prática social.

Em 2006, trabalhei a Didática da Pedagogia Histórico-crítica pela segunda vez na disciplina de Didática I, com estudantes universitários já professores, tendo como base dois autores, além de todas as ideias que permeiam esta visão de escola. Embasei minhas aulas de Didática nos livros de João Luiz Gasparin (2002) e de Nereide Saviani (2003). Surpreendeu-me o fato de uma estudante de Pedagogia, professora de Educação Infantil, além de exercitar a didática Histórico-Crítica em minhas aulas, começar a utilizá-la em seu planejamento diário escolar. O fato trouxe uma qualidade maior ao seu trabalho, pois ela - que planejava suas aulas a partir de uma pauta de atividades que surgiam a partir da síntese avaliativa de suas aulas - iniciou um processo de pensar os objetivos, de problematizar, de instrumentalizar, de pensar o momento da catarse como avaliação e muitas vezes verificar modificações na prática social final de seus alunos, passos da Pedagogia Histórico-crítica (1988). Esta estudante foi meu modelo para que eu modificasse meus planos de aula e de unidade, que assim como os dela, até então eram uma sequência de atividades em forma de pauta e uma síntese avaliativa, de onde “brotava” nova pauta.

26

Utilizei-me assim do modelo de Plano de Trabalho sugerido por Gasparin e iniciei tenuamente meus planejamentos, primeiro nas aulas de Didática, depois nas aulas de Filosofia da Educação e por fim com meu grupo de diretoras de escola.

Neste processo, em que ora fui professora de meus discípulos, que me apresentaram seus planos no modelo da Didática Histórico-crítica, e que ora fui estudante - olhando minha própria prática, meu planejar - fui percebendo onde se instalam as dificuldades do fazer histórico-crítico.

A maior dificuldade encontrada pelos estudantes de Pedagogia é quanto à prática social inicial do conteúdo. Como há dificuldades em ouvir o outro! Como não dão importância a esta ação! Querem falar, expor o conteúdo, como quase todos os modelos que tiveram em sua vida escolar. A maioria dos estudantes não pensa em escutar o outro. E assim segue o exemplo de seus professores, a maioria deles, envolta na concepção de uma didática tradicional, onde o



outro é objeto de escuta e não sujeito de sua fala. Neste quesito, já não se encontra o meu ponto de partida, como professora. Lembro-me de Saviani quando diz que a síntese do professor é sintética, enquanto de seus estudantes é sincrética (1988).

Uma dificuldade que precisei superar foi quanto à *problematização*, segundo momento da didática da pedagogia histórico-crítica (GASPARIN, 2002). Entendê-la como algo para o qual não se tem “a” resposta foi importante passo para que eu viesse a criar situações problemas mais críticas e reflexivas.

Outro desafio foi que os estudantes entendessem o momento nomeado pelos educadores da pedagogia histórico-crítica de *instrumentalização*, como conhecimento e não como simples instrumento, recurso didático. É o conteúdo do filme e não o filme em si, ou o vídeo, que é o instrumento de uma didática histórico-crítica. Qual o conhecimento que trago ao meu aluno, para suprir as lacunas de seu conhecimento sincrético e auxiliá-lo a superar sua zona real de conhecimento? Que movimento difícil! Mais uma vez é a dialética que se apresenta aqui. O instrumento e o que ele contém. Essa junção necessária é que faz a instrumentalização.

Gosto muito de pensar o momento catártico – apresentado por essa pedagogia como *catarse* - como momento da purificação, da filtragem. É hora da devolução, de tirar as dúvidas, do fechamento de conceitos, de voltar dos desvios feitos pelo conhecimento e superar as dúvidas. É hora de atingir um status de possibilidade de transformação para chegar-se à prática social final dos conteúdos (GASPARIN, 2002).

Com este fazer, consegui evoluir em meus conhecimentos sobre a didática da Pedagogia Histórico-crítica. Vivenciei esta Didática e colaborei com estudantes para que chegassem mais próximos de uma síntese sintética sobre o assunto. Como professora de Didática tenho muito que caminhar rumo a uma educação libertária, mas creio que o primeiro semestre de 2006 ficará marcado em minha prática como conquista de uma didática que leva em conta o outro, a história, o conhecimento sistematizado, a avaliação como parte integrante da aula e mais que tudo, o pensar na transformação da prática social.



COMO PLANEJAVA AS AULAS DE DIDÁTICA I CONTEÚDOS, ROTINA, METODOLOGIA, AVALIAÇÃO

Meu objetivo geral era dar ao estudante-educador um leque das didáticas atuais para que ele pudesse conhecer diferentes formas de ensino-aprendizagem e fazer suas escolhas, assim como fiz as minhas. Depois disso e concomitante, trabalhava num modelo democrático com base no ideário de Freinet e de uma pedagogia progressista que procurava ouvir o estudante em suas inquietações e trazer o conteúdo necessário para ele mudar suas concepções autoritárias, vivenciando práticas inclusivas.

Outro grande objetivo era tornar este estudante mais autônomo, não só nos seus estudos, mas no pensar e para isso utilizava a escrita como instrumento de reflexão. Em aula procurava criar momentos coletivos, individuais e em pequenos grupos.

Inicialmente, levantávamos o que é didática, conceituando assim o cerne da disciplina.

Depois disso, em alguns semestres levantei a vida deles como estudantes em seus primeiros anos escolares num trabalho vivo de memória; levantávamos os tipos de professores que tiveram, quais os métodos utilizados, como era o grupo de alunos, que tipo de escolas frequentaram etc. O objetivo deste trabalho era fazer uma ligação do que viveram, em que se tornaram, com as diferentes concepções de educação. Este trabalho era maravilhoso, mas tomava um tempo muito grande quando o grupo era maior e por isso preferi realizá-lo só quando os grupos eram menores.

Em alguns semestres ensinava como planejar de acordo com a didática histórico-crítica e como fazer um projeto segundo Mirian Celeste Martins(2010). A pedagogia Freinet era exercitada através das técnicas do Livro da Vida, Fichário, auto-avaliação, além de algumas assembleias que realizava conforme se fazia necessário. A Roda da Conversa e a roda da Avaliação eram constantes no início e final de nossas aulas.

NOSSA ROTINA

Como citei, sempre começamos a aula com a roda da conversa, com a leitura do Livro da Vida - que tem como função recordar o que vimos e os acontecimentos da aula anterior, fazendo uma ponte entre o que vimos e o que será visto e após - quase sempre, tínhamos uma



aula coletiva em que era utilizada a técnica expositiva dialogada. Neste momento era apresentado o conteúdo novo. No início da aula, durante alguns semestres, verificava nesse momento os portfólios, que deveriam ser realizados como tarefa de casa, fazendo algumas leituras e considerações com o objetivo de retomar o que havíamos estudado na aula anterior, mas agora utilizando a escrita e o conhecimento do estudante. O portfólio acontecia com o mesmo objetivo e princípio do Livro da Vida, só que de forma individual. Descobri o portfólio através do construtivismo e achei interessante utilizá-lo como registro e avaliação da aprendizagem. Procurava dar a ele um cunho personalizado, tornando os estudantes autores de seu aprendizado. Era uma oportunidade de estudar e rever a aula que tiveram, além de um instrumento de avaliação para mim e de auto-avaliação para o estudante.

O Livro da Vida, técnica de Freinet, foi muito utilizado. Era uma tarefa para ser feita em dupla no período da aula enquanto seriam feitas as tarefas individuais, mas minhas aulas quase sempre não conseguiam ter sucesso no período individual. Creio que o estudante universitário que durante anos esteve sob a regência do professor não consegue quando liberto, efetuar as tarefas, ter mais autoria... foram anos de servidão. Eles “enrolavam” e não produziam quase nada quando estavam livres para produzir. Desta forma, o Livro da Vida e as fichas com o conteúdo mínimo necessário ficaram como tarefas para casa, o que muitas vezes só era feito porque havia um valor na nota pela participação deles com tarefas de casa e em sala de aula. Durante o semestre, ao verificar o resultado deste trabalho, vibravam e se sentiam autores. Hoje os livros da vida encontram-se nas bibliotecas destas instituições como objetos de pesquisa. Quando os momentos da aula eram em subgrupos, havia maior participação do que nos momentos individuais. Mesmo assim encontrava grupos que não conseguiam produzir, ou porque não trouxeram o material de pesquisa ou porque somente uma pessoa fazia o trabalho que seria de todos. Normalmente eu abordava nestes trabalhos de seminários os temas como Freinet, Paulo Freire, Escola Lumiar, Projetos de Inclusão, Escola Waldorf, Escola da Ponte. Educadores e tipos de escola que talvez outros professores não apresentassem a eles. Mas havia também além dos autores mais atuais, Dewey e outros como Comenius. Meu objetivo ao trabalhar autores antigos é que vissem que não se chega ao hoje sem a história e a importância destes e outros autores na história em questão. No final de nossas aulas, havia sempre o



momento de avaliação quando eu utilizava os Pontos de Observação (P.O) aprendidos com Madalena Freire.

Após o trabalho desenvolvido, no final das aulas que duravam 4 horas, fazíamos a roda de avaliação com o P.O.; a auto-avaliação e o planejamento das tarefas.

“Não fomos educados para olhar pensando o mundo, a realidade, nós mesmos” (FREIRE, M. p. 10). O P.O. é realizado de acordo com o objetivo da aula, quando o professor elabora uma pauta para verificar a aprendizagem do estudante, podendo também pedir a alguns que verifiquem o desempenho do grupo, assim como avaliem o professor em algum aspecto que ele desejar. Tudo isso auxilia o estudante educador a desenvolver um olhar apurado em relação a si mesmo e sua aprendizagem, ao entorno e ao modelo que é seu professor.

A auto-avaliação é uma técnica de Freinet que eu incluía para que os estudantes entendessem como se realiza o processo e se preparasse para realizar com seu grupo enquanto educador.

Sempre tínhamos como último momento da aula o recordar quais seriam nossos deveres para o próximo encontro.

30

CONCLUSÃO

Neste processo, tive vitórias ao verificar que muitos estudantes se interessavam pelos conteúdos e entendiam meus objetivos. Estudantes educadores utilizavam muitas de nossas técnicas e os conhecimentos em sua prática pedagógica. A dificuldade era com aqueles que cursam o curso de pedagogia para obter um diploma universitário, mas sem relacionamento com a educação e sem desejo de se profissionalizar. Era praticamente metade das turmas, aqueles que não estavam ligados à área da educação. Estes demoravam muito para entender sobre o que eu estava tratando...

Tive também problemas com o estudante que chega para o curso noturno, em sua maioria com um discurso instituído de que trabalha muito, que não dá tempo para leituras e tarefas, que não há um único professor. Tudo isso era rebatido por mim com a questão da ideologia de escola fraca para os pobres, para os trabalhadores, tentando mostrar que haviam incorporado o que a sociedade esperava deles. Procurava demonstrar que tempo é questão de



prioridade e que desde que escolheram se formar educadores é preciso que se eduquem. Posso dizer com certeza que metade do grupo vibrava com as aulas e tarefas, mas a outra metade resistia. Aí vinham minhas dúvidas: por que é tão difícil “fazer” a pedagogia Freinet ou colocar em prática a filosofia de Paulo Freire? Por que também é tão difícil transformar em prática as ideias de Saviani? Por que a resistência de professores e estudantes com o envolver-se no aprender?

Tenho algumas hipóteses sobre a resistência que acontece ao trabalharmos com estes autores (seus saberes e fazeres).

Em primeiro lugar, devido à distância que há entre esses educadores e a concepção de educação que tanto professor como estudante adquiriu ao longo dos longos anos escolares. Fomos formados numa pedagogia autoritária e liberal que não aceita conceitos como cooperação, diálogo etc.

Em segundo lugar, temos por trás de nossa prática a concepção de educação que permeia a instituição da qual fazemos parte. Geralmente, nossas faculdades e universidades têm suas concepções construídas na hierarquia e burocracia brasileiras.

Para pensarmos caminhos para lidarmos com tudo isso precisamos considerar: como os alunos chegam ao curso de Pedagogia? Qual o perfil da maioria dos estudantes? Que expectativas trazem consigo? Vou dizer sobre aqueles com quem tive contato durante dez anos. A maioria é adulto, fora da idade predominantemente universitária, já casados, com família constituída e que retorna aos bancos escolares para completar sua formação. Devido sua formação autoritária de muitos anos escolares, torna-se silencioso, o que determina quase sempre a fala exclusiva dos professores. Eles também têm como característica, em sua maioria, a não formação como leitor, sendo que muitos não têm formada a habilidade de interpretar textos. Por conseguinte, não têm habilidade também na escrita, não são autores, pois foram treinados a serem copistas de seus professores, os únicos intelectuais do grupo. Como consequência deste processo empobrecido, tornam-se pessoas não reflexivas, com pensamentos de primeira instância, sem autonomia intelectual. Desta forma, ficam à espera que o professor lhes desvende todo o conteúdo e criticam quando o professor, numa outra concepção os provoca à mudança e à autoria.



Este é o perfil que encontrei na maioria dos estudantes de Pedagogia e aí as dificuldades em ser um professor que se baseia em Célestin Freinet, Paulo Freire e Dermeval Saviani.

O QUE CONSEGUI COMO RESULTADO?

Provoquei os estudantes a escreverem e avaliarem seus conhecimentos e a aula que foi construída, sempre em conjunto;

Levei até eles as técnicas Freinet e a filosofia e didática dos autores citados.

Procurei que fizessem e refizessem seus trabalhos, dialeticamente, até que eles estivessem num nível maior de qualidade, mas isso demandava trabalhar resistências... até que conseguissem entender qual meu objetivo, ou seja, levá-los ao máximo daquilo que conseguiam realizar.

Concluindo, creio que é preciso repensar as aulas de Didática e incluir nelas as técnicas e filosofia de Célestin Freinet, Paulo Freire e Dermeval Saviani para este século e suas necessidades, além de repensá-las para este perfil de professorando que temos.

É preciso não termos uma visão ingênua do papel e dos limites da educação do povo numa sociedade capitalista como a nossa, porém precisamos ser otimistas para lutar por mudanças concretas e saber que encontraremos obstáculos que precisarão ser galgados.

É preciso trazer para a educação em geral, o saber ligado à vida, que supere o escolástico. Quem sabe, nós educadores, possamos dar um passo a mais para um país menos injusto, uma educação não discriminatória, atual e viva ao seguir estes quatro eixos: cooperação, comunicação, afetividade e documentação.

32

REFERÊNCIAS

FREINET, Célestin. As técnicas Freinet da Escola Moderna. Lisboa, Editorial Estampa, 1975.

FREINET, Élise. O Itinerário de Célestin Freinet. Livraria Francisco Alves Editora S.A., 1979.

FREIRE, Madalena Freire Wefford (coord). Observação, Registro, Reflexão: instrumentos metodológicos I. Série Seminários. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1996.



FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia - saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

_____. Ação cultural para a liberdade. 6ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

_____. A importância do ato de ler. 45ª ed. São Paulo: Cortez, 2003.

FREIRE, Ana Maria Araújo (org). Pedagogia dos sonhos possíveis. São Paulo: UNESP, 2001.

GADOTTI, Moacir. (org) Paulo Freire uma biobibliografia. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire; Brasília, DF: UNESCO, 1996.

GASPARIN, João Luiz. Uma didática para a Pedagogia Histórico-crítica. Campinas, SP: Autores Associados, 2002. (Coleção educação contemporânea).

MARTINS, Mirian Celeste; PICOSQUE, Gisa; TELLES, M. Terezinha. Teoria e prática do ensino de arte: a língua do mundo. São Paulo: FTD, 2010. (Coleção Teoria e Prática).

SAVIANI, Dermeval. Escola e democracia. 17ª Ed. São Paulo: Autores associados, 1988.

_____. Pedagogia Histórico-crítica: primeiras aproximações. Campinas, SP: Autores associados, 2005. (Coleção educação contemporânea).

SAVIANI, Nereide. Saber Escolar, Currículo e Didática: problemas da unidade conteúdo/método no processo pedagógico. 4.ed. rev. e amp. Campinas, S.P: Autores Associados, 2003. (Coleção educação contemporânea)



FoPeTec
Grupo de Pesquisa: Formação de Professores
em áreas habilit. técnico e tecnológicas



REVISTA INTERNACIONAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES